

ÉRA VIDRO E SE QUEBROU. A superfície está toda estilhaçada. Como uma pintura muito antiga. Consumida pela instabilidade dos séculos. A fenda à direita atrai o olhar. Mas ocorre um jogo de contrários. Onde há quebra não há quase nada a ser visto. Apenas um esboço de uma camisa xadrez. Todas as linhas de força se dirigem para a esquerda. Através de um jorro de fissuras nervosas. Finas. Incrivelmente copiadas umas das outras. Uma espécie de água que corre para cima e para o lado. Aí sim. Uma criança e várias mãos. E braços. Um braço sem corpo sustenta o menino. Como um símbolo de força emprestado a um mural épico. O contraponto do buraco negro são os focos de luz. No rosto, no corpo, na palma de sua mão. Mas uma repetição do vazio se concentra na



gem com o Menino [detalhe], pintor
Antônio Draoz, c. 1271.

boca aberta. Com o dedo, a criança faz um gesto para expulsar essa invasão do escuro de dentro de seu corpo. Mas não parece emitir nenhum som. Todas as ondas de ruído se agarram ao emaranhado denso do que era a superfície homogênea do vidro. Respira-se um momento após uma onda de ruptura. Os fatos se recobrem de um vèu de indefinição. Oscila uma tensão entre as forças de dissolução e de agregação das matérias. Das pessoas. Entre o sim e o não de todas as passagens. É o momento da ausência de clareza. Mas nada está parado. Há um movimento contínuo de quebra. Expresso no conflito, na angús-

tia, na busca de visão através e além das migalhas. Os olhos da criança são extremamente claros. E tentam detectar alguma claridade no mundo externo. Nos contos infantis o vidro e o cristal são materiais comuns. Cinderela tinha sapatinhos de cristal. O anel era de vidro e se quebrou. Numa outra estória, uma menina está perdida numa floresta muito sombria. Está tão cansada que cai no chão. Nesse instante vislumbra no alto um palácio de cristal. Brilhante como o sol. Vai até lá e entra. É então conduzida a uma enorme sala onde todas as paredes eram feitas de cristal de rocha. Refeita do espanto, começa a prestar atenção no que está gravado sobre elas. E fica frente a frente com toda a estória da sua vida. Como a menina do conto de fadas, a criança sérvia também se denara com sua própria história. Estilhaçada numa explosão da transparência.



^ *Sérvia, 1995*

Proposta de atividades

- Pesquisar sobre a violência nas grandes cidades. E sobre a experiência das crianças, dos velhos e das mulheres no conflito no Kosovo. Sugerir que os alunos escrevam um diário de uma personagem em um campo de refugiados.

Temas transversais

- A fotografia como documento de guerra.

- O direito da criança no Brasil: o Estatuto da Criança e do Adolescente.



Uma foto “chapada”, tirada sem inclinação e sem profundidade. O assunto é retratado em um único plano. Aproveitando a luz que se reflete no menino e a que se perde no buraco negro, há um contraste. A luz só é refletida nas camadas mais claras. Nas escuras se perde. Nas linhas da fissura do vidro temos o reflexo da luz.